

**UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE A RELAÇÃO DOS SERES HUMANOS  
COM A ÁGUA: CONTRAPONTO NEGATIVOS E POSITIVOS NO PROJETO  
ÁGUA PRA QUE TE QUERO!**

Aurenívia Morais Uchôa<sup>1</sup>  
Cristina Maria do Vale Marques<sup>2</sup>  
Nancy Sierra Mireya Sierra-Ramírez<sup>3</sup>  
Samara Amaral Câmara Zeppetella<sup>4</sup>

**Resumo:** O trabalho aqui apresentado é resultado da pesquisa realizada durante o projeto *Água pra que te quero!* desenvolvido no Ceará em 12 municípios que compõem Bacias Hidrográficas desse estado. O projeto integrou em sua prática a documentação da relação dos seres humanos com a água em seu cotidiano através da fotografia. Assim, tendo como tema principal a água, seu uso racional ou desperdício, vimos a compreender esse elemento como patrimônio cultural da humanidade, reafirmando a necessidade de políticas públicas, com participação social, para a extensão do direito de acesso a esse bem em território brasileiro com qualidade e programas educacionais que garantam o seu uso de forma racional.

**Palavras-chave:** água, fotografia, uso racional, desperdício, patrimônio cultural.

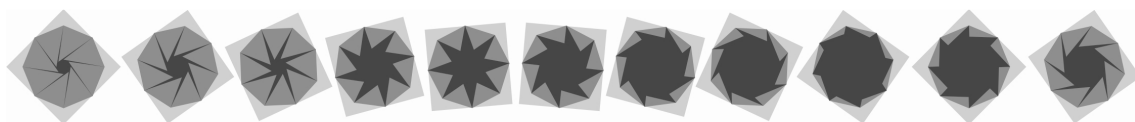
O trabalho aqui apresentado é resultado da pesquisa realizada durante o projeto “Água pra que te quero!”, o qual integrou em sua prática a documentação da relação dos seres humanos com a água em seu cotidiano através da fotografia. Assim, nessa primeira parte do artigo apresentaremos brevemente o referido projeto, seguido de uma contextualização sobre a água e sua historicidade no Ceará.

<sup>1</sup> Graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Idealizadora, fotógrafa e pesquisadora do projeto Água pra que te quero!. [poesiadaluz2@gmail.com](mailto:poesiadaluz2@gmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Gerência de Marketing pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduada em Administração de Empresa pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Consultora da UNESCO/Ministério da Cultura. Coordenadora e pesquisadora do projeto Água pra que te quero!. [crisvale.marques@gmail.com](mailto:crisvale.marques@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Consultora em meio ambiente do projeto Água pra que te quero!. [namirsierra@yahoo.com.br](mailto:namirsierra@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduada em Pedagogia (UFC). Professora da Rede de Ensino Municipal de Fortaleza. Pesquisadora e produtora de campo do projeto Água pra que te quero!. [samara.amarall@gmail.com](mailto:samara.amarall@gmail.com)



O projeto *Água pra que te quero!* foi selecionado e aprovado no ano de 2009 pelo edital Mecenaz de incentivo à cultura, do Governo do Estado do Ceará, através de sua Secretaria de Cultura. A primeira parte do projeto em campo, visto que será dada sua continuidade, foi realizada entre os anos de 2009 e 2010, nas bacias hidrográficas do Banabuiú, Alto Jaguaribe e Salgado, percorrendo 12 municípios do semiárido cearense como um recorte representativo dessas bacias. No ano de 2011, foi realizada a parte de decupagem e edição do material coletado (entrevistas e imagens) e no ano seguinte a etapa gráfica do projeto, já que o mesmo também tinha como objetivo publicar e lançar um livro divulgar seus resultados e contemplando uma seleção de fotografias e a estatística da pesquisa realizada.

Assim, o projeto vem sendo desenvolvido nas bacias hidrográficas do Estado do Ceará, que por meio da fotografia busca compreender a relação do ser humano com a água a partir de uma estética artística e de registros documentais. Desta forma, busca também sensibilizar a sociedade no sentido de contribuir para o uso racional da água, estimular a reflexão sobre o tema e alertar sobre práticas cotidianas de desperdício que podem ser evitadas em prol da vida do planeta. Este é um grande debate que vem crescendo desde as últimas décadas do século 20, envolvendo também outras temáticas preocupantes, de acordo com Rebouças, Benedito e Tundisi (1999, p. v):

[...] a humanidade vem se defrontando com toda uma série de problemas globais – ambientais, financeiros, econômicos, sociais e de mercado. Neste quadro, as preocupações com o ambiente, em geral, e com a água, em particular, adquirem especial importância, pois as demandas estão se tornando cada vez maiores, sob o impacto do crescimento acelerado da população e do maior uso da água, impostos pelos padrões de conforto e bem-estar da vida moderna. Entretanto, a qualidade das águas da Terra – rios, lagos naturais e represas, em particular – dos ecossistemas e da vida, em geral, vem sendo degradada de uma maneira alarmante, esse processo pode logo ser irreversível, sobretudo, nas áreas mais densamente povoadas dos países emergentes, como o Brasil.

O projeto tem como objetivo realizar uma documentação fotográfica, num exercício de contraponto entre práticas positivas e negativas no uso da água em ambiente urbano e rural. Assim como estimular e difundir a fotografia como exercício de sensibilização, reflexão e estética do olhar através de ações de animação cultural, com exposições fotográficas em varal, palestras e caminhadas fotográficas<sup>5</sup> nos municípios participantes. Envolvendo para isso moradores, prefeituras, escolas,

---

<sup>5</sup> As ações de animação cultural (exposições, palestras e caminhadas) faziam parte da estratégia de mobilização do público para participar do projeto em seus municípios. Dessa forma, era realizada a divulgação com o apoio das rádios locais ou outros dispositivos de comunicação, convidando a população para se fazer presente nos locais onde aconteceriam as ações. Em todos os municípios registramos com êxito a participação popular.

bibliotecas públicas, universidades, centros culturais, galerias de arte, secretarias municipais de educação, cultura, turismo e meio ambiente, associações, ONGs; como forma de democratização de informações e de acesso às ações educacionais e culturais que são promovidos pelo projeto.

## **1. A Água**

A água sofre um desenfreado abuso por parte da humanidade quanto ao seu mau aproveitamento, existindo uma grande despreocupação com seu uso. Pensando na riqueza natural, na sua importância, no desperdício que o ser humano tem com ela, veio o interesse em documentar a água e o ser humano em ambiente urbano e rural.

O problema da água é agravado pelas profundas alterações no ciclo hidrológico que caracterizam o ambiente urbano, resultantes do modo com que o espaço foi ocupado pelos indivíduos. Nas áreas recobertas por vegetações, a maior parte da água da chuva infiltra-se no solo e nas rochas (caso sejam permeáveis) e no subterrâneo, formam o lençol freático.

A água está em toda parte, no entanto, vemos os efeitos da poluição nos rios, lagos, mares. As águas domésticas são infectadas por germes, causando doenças. A poluição é um dos problemas mais sérios do nosso tempo, afeta grande parte do mundo, podendo atingir todo o curso da água.

A água é a principal fonte de desenvolvimento e vida da sociedade e dos seres vivos. Grande parte do desenvolvimento ecológico, social, possui bases firmadas na maneira como utilizamos e respeitamos a água. Havendo a má utilização das reservas naturais, o ser humano compromete a saúde e a qualidade de vida no planeta, prejudicando plantas, animais, bem como as sociedades em que vive.

Ao longo da história, consta-se uma importante conexão entre a utilização da água e a qualidade de vida da população. Quanto maior é a reserva aquífera existente maior é sua utilização, e maiores são as chances de um melhor desenvolvimento econômico, sanitário, agrário e social das áreas em enfoque. Não basta apenas saber utilizar a água, é necessário ainda que existam reservas disponíveis desse recurso natural tão importante.

Em diversas regiões do planeta são escassas as fontes naturais de água, em outras, são praticamente inexistentes, dificultando o desenvolvimento da vida. Em algumas tradições religiosas, encontra-se a noção da água como primordial, com a

crença que a água purifica, santifica, espanta os demônios, que dá vida nova. Sem a água não teria aparecido vida na terra, mas, no dualismo da água o simbolismo da vida tem ligação estreita com o simbolismo da morte.

As grandes civilizações e cidades foram edificadas sobre a água e exterminadas pela sua abundância ou pela falta dela. A água tem sido considerada como a união dos quatro planos de existência humana: física, energética, psíquica e emocional.

Na Índia, a população venera as águas do Ganges há mais de mil anos. Na região egípcia o Nilo é um elemento onipresente. No Brasil, algumas das oferendas do Candomblé e da Umbanda são ofertadas na água. No budismo a água tem um papel de purificar. E assim como a água em uma chaleira ao fogo, deve-se recitar o *Daimoku*, *Nam-myoho-reng-kyo*, fervorosamente.

Na Bíblia, a criação começa com a água e se estrutura com ela. O batismo é um símbolo de purificação e renovação. No ritual do batismo, colocam-se água benta na testa do recém-nascido e sal nos lábios, simbolizando a proteção das forças obscuras. A água relembra as tempestades, o dilúvio, o naufrágio, as enxurradas.

Hoje tendemos a considerar a água de maneira mecânica e qualitativa e não nos interessamos pela sua energia, pela preservação, nem pelo seu papel na saúde. Em razão do seu caráter universal, nós seres humanos a banalizamos, fazendo com que ela perca seu valor, sua magia, seu mistério e seu caráter sagrado. Nós temos que respeitá-la primeiramente porque ela nos faz viver, já que ela está presente desde os nossos primeiros momentos de vida, no ventre da mãe, onde durante nove meses o feto se desenvolve no líquido amniótico.

[...] a água traduz pureza, fertilidade e vida, sobretudo quando, em seu estado natural, mostra-se imaculada, transparente e limpa. Mirando-nos em águas fétidas e escuras percebemos o extenso malefício que a moderna sociedade industrial provoca em nossa razão simbólica, “danificando, talvez de maneira irreparável, o rico patrimônio psíquico que o imaginário da água tem produzido ao longo da história da humanidade”. A poluição das águas compromete, pois, tanto a vida biológica quanto a vida psíquica do homem contemporâneo. (REBOUÇAS, BENEDITO e TUNDISI, 1999, p. 673).

Nessa pertença original da água materna, nascera o sentimento oceânico da vida, a qual constitui nossa arcaica memória.

Dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), no Brasil, estimava também em 2004 que 20% da população não tinham acesso a água potável, 40% da água das torneiras não tinham confiabilidade, 50% das casas não tinham coleta de lixo e esgotos e 80% do lixo coletado era lançado diretamente nos rios sem nenhum tipo de

tratamento. No Brasil cerca de 12% da água é doce e no seu entorno ela abrange a multiplicidade das culturas agrícola, doméstica, econômica, industrial e social.

No Nordeste, a história da gestão política de água tem três grandes estágios. O primeiro começou no final do século XIX e vai até o final da primeira década do século XX. As ações de obras eram em escavações, poços e cacimbas, também havia barramentos nas nascentes dos rios. Esses poços eram feitos nos lençóis de água.

No Ceará a presença do solo cristalino é muito marcante, principalmente no semi-árido ocasionando uma crescente temperatura. Entre 1886 e 1889 – foi um período de grande seca – o imperador D. Pedro II contratou uma equipe caracterizada como a Comissão da Seca; internacional, idônea e multidisciplinar. Essa comissão tinha o objetivo de mostrar propostas baseadas em modelos estrangeiros, eles mapeavam as localidades e apresentavam propostas de construções de açudes, para que a água pudesse ao longo da época invernal manter esses reservatórios cheios de água, assim diminuiria o sofrimento nas localidades específicas.

O Açude do Cedro no município de Quixadá, por exemplo, teve o início das suas construções por volta de 1888 sendo concluído em 1906, o qual representa o marco desse primeiro período. Após essa etapa foi constituída a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), a qual foi transformada no Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), tinha como função principal administrar as águas e as obras instituídas naquela época.

Em meados de 1950, durante o governo de Juscelino Kubistchek, foram construídos vários açudes importantes para o Ceará: Orós, Araras, Pentecoste e Banabuiú. Esse pode ser considerado o segundo estágio das políticas de gestão da água no Ceará.

Os períodos secos e de difícil desenvolvimento geravam ações em busca de soluções para a sobrevivência das pessoas que moravam naquelas localidades, havendo assim atividades como a piscicultura e a construção de vazantes.

Já na década de 80, o Açude Orós passa a perenizar 2/3 do Rio Jaguaribe, marcando assim o terceiro estágio da água no Ceará, pois começa efetivamente a gestão da água, com construções de reservatórios e a sua distribuição. A válvula do açude pereniza 300 km do Rio Jaguaribe, podendo assim atingir mais de 23 municípios.

Também nessa década, o Ceará começa uma investigação do clima e do meio ambiente, com a Fundação Cearense de Meteorologia (FUNCEME), e a culminância da

Secretaria de Recursos Hídricos (SRH), iniciando o estágio de desenvolvimento de uma política mais eficaz de gestão da água.

Posteriormente em 1992, já se proporcionou o primeiro plano estadual de recursos hídricos do estado e uma política estadual dos recursos hídricos. Em 1993 surgiu a Companhia de Recursos Hídricos (COGERH), para atender às demandas no que diz respeito ao direito de outorga da água e dar licenciamento às obras hídricas. Em 1997 foi instalado o 1º Comitê de Bacias Hidrográficas.

O Comitê de Bacias visa de modo integrado, descentralizado e participativo, planejar e priorizar o abastecimento das populações e desenvolver ações de distribuição e gerenciamento que respeitem a legislação ambiental.

Atualmente, estão consolidados a Agência Nacional das Águas (ANA) e o Pacto das Águas no Ceará, que prioriza o Plano Estratégico para os Recursos Hídricos do Ceará, e tem como papel fundamental instituir as políticas, avanços e desafios nos programas e projetos que busquem compartilhar o aperfeiçoamento dos Recursos Hídricos no estado. Também está instituído na atualidade o projeto de Transposição do Rio São Francisco que vai trazer águas do Rio São Francisco para a gestão agrícola e população do Ceará.

## **2. Analisando os dados: urgência em redirecionar a nossa relação com a água**

A dimensão ambiental representa a possibilidade de lidar com conexões entre diferentes dimensões humanas, possibilitando entrelaçamentos e múltiplos trânsitos entre múltiplos saberes. Assim o entendimento sobre os problemas ambientais se dá através da visão do ambiente como um campo de conhecimento e significados socialmente construído, que é perpassado pela diversidade cultural e ideológica e pelos conflitos de interesse.

Desde o século XVII o pensamento cartesiano instalou a idéia do corpo como uma máquina e a natureza ao serviço do homem. Isto gerou a cultura de usufruir da natureza como se fosse um “supermercado” inesgotável, sem dor nem piedade o ser homem tira da natureza tudo e não reconhece o seu mérito nem sente gratidão, pelo contrário se considera separado, dono e senhor dela.

No entanto, desde o século XX esta visão está sendo questionada. Mas por diversos interesses não escutamos, não prestamos atenção aos sinais da natureza enchentes, mudanças de clima, desabamentos, perda de biodiversidade. A ciência vem

nos mostrando o aumento de doenças desde as infecciosas até os cânceres, como explicações para mudanças climáticas.

De acordo com Morin (2002), “[...] na educação crítica o conhecimento para ser pertinente não deriva de saberes desunidos e compartimentalizados, mas da apreensão da realidade a partir de algumas categorias conceituais indissociáveis ao processo pedagógico”. Portanto, precisamos internalizar que tudo está interligado, nada é separado, a separação só existe em nossa imaginação. O planeta é só um, o que ocorre num lugar está ocorrendo em nosso lar comum.

Observamos a necessidade de promover práticas sociais para estimular o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade da população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental (JACOBI, 2011). Uma mudança paradigmática implica uma mudança de percepção e de valores e isto deve orientar de forma decisiva para formar as gerações atuais. É necessário fazer do cuidado do ambiente e da natureza assunto na fala cotidiana, inserir no pensamento que a natureza está em cada minuto conosco, porque somos natureza o tempo todo e não só em alguns momentos. Que todas nossas ações/atitudes tocam e/ ou perpassam pela natureza.

O objetivo é propiciar outras atitudes e comportamentos face ao jeito de perceber a natureza, que inclui o excessivo consumo, o desperdício, na nossa sociedade com o fim de estimular a mudança de valores individuais que farão a mudança do coletivo, compreendendo a natureza como patrimônio da humanidade, sendo nós os agentes de sua memória viva.

O ser humano tem buscado, através das artes, das filosofias e da espiritualidade, uma forma de transgressão, sublimação ou superação da realidade imediata. É possível que o re-encantamento do mundo, conforme elucida Jacobi (2011), seja a senha para a recuperação da água. A riqueza simbólica e real das águas pode fazer ressurgir fontes cristalinas onde ronda a morte, onde o tempo é de turvação.

As fotografias de Nívia Uchôa resultaram num recurso que permite apresentar de forma lúdica algo muito sério: a escassez, a criatividade para sua obtenção, a utilidade, a poluição, entre outros. A água se faz presente nos peixes sobre a mesa, nos copos de alumínio, nas nuvens cinzas carregadas, na rede de pescar, no beijo na boca, no picolé e no carrinho que os carrega, no leite de gado e no leite do peito, no pescador, na mata verde, no guarda-chuva, além de onde ela esta poluída e ainda assim gerando vida.

A água é senhora das metáforas, a sua transparência nos devolve o espelho do real de forma fluida. A sua poluição é reflexo da turvação da consciência contemporânea. De igual forma o projeto *Água pra que te quero!* traz para a evidência os contrastes e as contradições.

Encontramos na sabedoria popular expressões, que apontam o desperdício, onde muita gente não o enxerga: lavar motos, carros e calçadas, utilizar lava-jatos, fazer brincadeiras com água, usar água tratada para aguar plantações. Ou expressões esclarecedoras que nos levam a questionar o nosso modo de viver, como a José de Jesus, 77 anos, de Ourives, município de Juazeiro do Norte: “Minha filha, essa falta de água é porque o povo não sabe usar, não sabe gastar [...] Eu com 45 litros de água eu passo um dia todinho, cozinho, tomo banho faço tudo!”. Ou, “a água é o sangue que corre em nossas veias”, ou “a mata chama chuva”. Ou, ainda, fazem reaproveitamento de água e recolhem e utilizam água de chuva. Então, questionamos: por que só no meio rural é que se deve fazer coleta de água de chuva? Por que em lugar de piscinas não se constroem cisternas em nossas casas da classe alta?

O que fazer para re-encantar o olhar humano diante do elemento água como paisagem, como alimento, como símbolo em uma civilização dessacralizada, utilitarista e consumista? Como aprender a viver com qualidade de vida?

Ao interferir nas condutas cotidianas que afetam a qualidade da vida, a educação ambiental promove os instrumentos para a construção de uma sociedade sustentável. Com este propósito fazemos uso de diversos recursos como: fotografias, vídeo documentário, aplicação de questionários que permitiram quantificar e qualificar as respostas, por último o caderno de viagem que reúne todos de um jeito singular, resgatando o saber popular com sua ingenuidade que aceita sua dura realidade como um gesto da vontade divina.

Foram trabalhadas só três das onze Bacias Hidrográficas do Estado Ceará<sup>6</sup>, a Bacia de Banabuiú (visitando os municípios de Banabuiú, Boa Viagem, Monsenhor Tabosa e Quixadá), a Bacia do Alto Jaguaribe (Arneiroz, Orós, Salitre e Tauá) e a Bacia do Salgado (Barbalha, Brejo Santo, Crato e Juazeiro). Para todas foram escolhidos quatro municípios e diversos povoados de cada município. A escolha das cidades atendeu ao critério de semelhança quanto à abundância ou falta de água, o que permitiu

---

<sup>6</sup> Como dito anteriormente, sendo essa a primeira etapa da “expedição” do projeto, contemplando dessa forma três bacias hidrográficas inicialmente. Os resultados são portanto um recorte da primeira fase do *Água pra que te quero!*



a localização territorial destas no semiárido cearense dividido em: Sertão-Central, Sertão dos Inhamuns e Região do Cariri.

Os resultados obtidos a partir dos questionários permitem dizer para a Bacia de Banabuiú que dos quatro municípios atingidos pela pesquisa, o município de Monsenhor Tabosa, é o que apresenta menor proporção de água encanada (só 20%). Um entrevistado do Sítio Lagoa Velha do mesmo município disse: “Toda água que é encanada aqui é particular”. Perguntamo-nos então, o que acontece nos outros municípios, onde 70% dos entrevistados disseram possuir água encanada em suas casas?

A água de beber dos moradores atingidos pela pesquisa, dessa bacia é obtida de cisternas, 85 a 96% não possuem rede de esgoto nas suas casas.

Para a Bacia do Alto Jaguaribe, os resultados apontam que mais de 50% das casas nos quatro municípios atingidos pela pesquisa possuem água encanada. No entanto, em Arneiroz (85%), Tauá (75%) e Salitre (50%), não tem rede de esgoto. Somente 50% das pessoas questionadas em Orós responderam afirmativamente.

Para a Bacia do Salgado, mais de 60% das pessoas atingidas pela pesquisa em três dos quatro municípios, possuem água encanada em suas casas. A exceção é Brejo Santo. Neste município a população coleta água de chuva para beber e não fazem nenhum tratamento (nem fervem, nem colocam hipoclorito).

Em Barbalha, Brejo Santo e Juazeiro do Norte, 80% das pessoas atingidas pela pesquisa dizem existir rede de esgoto no município, somente em Crato a resposta negativa possui maior representatividade (70%).

Por último, para todos os municípios das três Bacias a existência dos Comitês de Bacia ainda é um mistério, poucas pessoas estão sabendo de suas funções e da importância de sua participação nele para a apropriação na gestão do prezado líquido.

Nesse ínterim, queremos apresentar para todos o que ainda está no cotidiano de muita gente, em pleno século XXI: lavar roupa no rio, carregar água e roupa lavada na cabeça, no pote, no animal e que desde os primeiros anos de vida muita gente ainda vive a realidade contrastante entre a carência e o excesso. “A idade que eu tenho, eu moro aqui, nunca deixei de carregar água na cabeça, ainda continuo carregando água na cabeça” (ROSA, 60 anos, Sítio Poço Dantas, Crato). E, todavia, o banheiro fica no mato.

Agora, perguntamos... Qual diferença existe em relação à grande maioria de nossas cidades onde a rede de esgoto de nossas casas esta conectada e deságua nos rios e riachos que as cruzam?

É necessário gerar o exercício da cidadania em cada indivíduo. Ainda para a maioria das pessoas, a gestão da água e as soluções estão nas mãos de **outras** pessoas. Em baixa proporção aparece a gestão e organização por parte da própria comunidade. Diante de tanto descaso, queremos a água como bem querer. Diante de tanta ganância, queremos a água como bem comum.

### **3. Fotografar a Água e suas histórias**

No projeto *Água pra que te quero!* procuramos fotografar como mulheres, homens e crianças utilizam a água, para que serve, onde a água existe e quem cuida da água e se a população sabe e aceita as decisões políticas sobre o seu curso.

Com o ingresso nos diferentes campos de coleta de dados fomos percebendo que os resultados não poderiam revelar apenas o olhar da fotógrafa e de sua equipe para as diferentes formas de compreensão da água presentes no imaginário da população pesquisada. Percebendo as expressões, ouvindo as histórias, lendo os questionários, o projeto foi dando lugar à polifonia de vozes que traduzem a(s) história(s) da água a partir das vivências cotidianas dos sujeitos entrevistados.

A pesquisa de campo foi importante no sentido de dar voz à imagem, ou mesmo comparar o discurso com a imagem. Adentrar na vida das pessoas entrevistadas, moradoras das localidades visitadas, ainda que de forma breve, foi uma ampliação da nossa percepção sobre o local, tendo como foco sua relação cotidiana com a água.

Os sujeitos entrevistados, através do questionário estruturado e de conversas espontâneas, tornam-se os narradores de sua própria história com a água. É preciso compreender essa relação através dos relatos de suas realidades. Assim, a “orientação para o interesse prático é um traço característico de muitos narradores natos”, como afirma Benjamin (1980), continuando a falar que a narração:

[...] pode consistir ora numa lição de moral, ora numa indicação prática, ora num ditado ou norma de vida – em qualquer caso o narrador é um homem que dá conselhos ao ouvinte. [...] O conselho é de fato menos resposta a uma pergunta do que uma proposta que diz respeito à continuidade de uma história que se desenvolve agora. Para recebê-lo seria necessário, primeiro de tudo, saber narrá-la. [...] O conselho, entretido da vida vivida, é a sabedoria (BENJAMIN, 1980, p. 59).

A narração, portanto, também é uma característica da identidade das populações visitadas, onde através dela é possível dar continuidade ao aprendizado, às histórias vividas ou não, à memória resguardada em sua formação e respeito à sabedoria.

Na maioria das entrevistas, que duravam cerca de 20 a 40 minutos em média, fomos bem recebidas pelas pessoas em suas casas. Em vários casos, fomos confundidas como integrantes de algum programa ou projeto da prefeitura dos municípios visitados, já que estávamos acompanhadas, em grande parte das vezes, de pessoas ligadas à prefeitura, que exerciam algum cargo público. Dessa forma, a abordagem inicial era esclarecer que se tratava de um projeto autônomo, sem ligação direta com a prefeitura. No entanto, mesmo com o devido esclarecimento, os entrevistados tornavam a falar da prefeitura, como forma de desabafo sobre o descaso com a sua localidade, que não tinha abastecimento adequado de água, sistema de esgoto ou mesmo água encanada em casa, onde era preciso buscá-la em outras comunidades, sendo a demora e a distância em conseguir água (muitas vezes sem tratamento algum) a principal queixa.

Assim, por meio das vozes e da associação com as fotografias os problemas com o uso da água, para além das políticas públicas, foram sendo revelados apontando como causa principal a forma como mulheres e homens tratam a água e como dela se utilizam. Mas, também, o projeto deu lugar à identificação de práticas positivas no uso da água onde indivíduos e coletivos desenvolvem uma consciência ambiental associando fatores sociopolíticos, econômicos e culturais para uma convivência com a água evitando sua poluição ou mesmo esgotamento.

Ao longo da caminhada, da entrada nos terreiros para coleta de dados, do ouvir as vozes do lugar, procuramos registrar cada momento não só com a câmera fotográfica ou com a aplicação do questionário. Adotamos, também, o Caderno de Viagem que permitia o registro de situações vividas, da construção de narrativas por parte da fotógrafa/pesquisadora.

O ser humano e a água é o que investigamos a partir da fotografia como documento e como poética. Procuramos descobrir os “nós” da água, para que queremos a água, como queremos, porque queremos, porque não cuidamos dela e diante disso quem somos nós.

O projeto *Água pra que te quero!*, dessa forma, esboça uma linguagem do olhar para documentar a água, à luz de seu espelho, onde a criação de instantes fragmentados, pontos de velocidade da luz se unem à velocidade da água, do cotidiano, das cidades, dos sertões.

A beleza, a poesia da água está nas matas, no berço da natureza através de nascentes, onde o alimento busca preservação, está nos mares onde as cores dos oceanos guardam o que há de mais misterioso, está no ventre da mãe com toda intensidade do amor materno, no ato de amamentar, em nosso corpo para nos fazer viver, no olhar de cada um de nós, em nossas lágrimas, a água está em tudo.

[...] a água é um remédio muito eficaz tanto psíquico quanto ótico. Água fresca faz os olhos claros. E que beleza é olhar uma água límpida! [...] De fato a água atrai para o fundo da natureza com seus encantos mágicos, mas só reflete para o homem a sua própria imagem. A água é a imagem da consciência de si mesmo, a imagem do olho humano – a água é o espelho natural do homem. (BRUNI, 1993, p. 58).

A frase “a água está em tudo” ou “serve para tudo” permeou 90% das respostas dos questionários. O ser humano sabe que a água é um bem precioso, mas, culturalmente não cuida dela.

Em 1972, o Ambiente Humano foi o tema central da Conferência das Nações Unidas e já se discutia sobre o destino da água. Hoje, 40 anos depois, a preocupação assola mais ainda no que tange a poluição e a degradação ao meio ambiente que seguem prejudicando os recursos hídricos.

Projetos como os Planos Nacionais de Água são introduzidos na tentativa de conscientizar a população, no entanto, observamos que neste século a privatização da água, ou a venda dela tem se tornado outro aspecto agravante. Durante a coleta de dados do projeto tivemos oportunidade de encontrar localidades no Ceará em que famílias sobrevivem da comercialização da água.

A poluição sistemática dos rios, lagos, mananciais não anuncia um horizonte tranquilizador quanto ao futuro próximo, dizem eles, já que a água, como é sabido, não se presta apenas para saciar a sede, substância indispensável que é, ademais, ao desenvolvimento de inúmeros processos em que se ancora a nossa civilização (REBOUÇAS, BENEDITO e TUNDISI, 1999, p. 671).

Ademais homens carregam água em carros pipas do campo para a cidade, mulheres carregam água de barreiros e nascentes para lavagem de roupas e muitas vezes para beber e cozinhar, crianças e idosos ainda transportam água em carroças, jumentos e na cabeça, a comunidade ainda lava roupa nas nascentes. Esse é o cotidiano da água por onde passamos. A água não chega para todos. A escassez e o mau uso da água ainda é um problema muito sério que ameaça e inviabiliza o desenvolvimento de uma determinada localidade, cidade ou região.

A água é um elemento vital, ela tem significantes e significados bastante contundentes no que diz respeito à cultura da população que a utiliza e a preserva. Haveria de ter uma mudança na dinâmica cultural que transformasse a percepção sobre o significado da água, o que de acordo com Oliven (2002, p.21), “nada pertence a um mesmo lugar, pois tudo é passível de adaptação aos interesses de grupos e circunstâncias cambiantes. [...] a dinâmica cultural implica um processo de desterritorialização e reterritorialização”.

O olhar investiga através da fotografia sensações de buscas e essas são representações do cotidiano dentro de um universo imagético coletivo. A imagem fotográfica representa essa investigação, é a mera conclusão do que esteve lá, é o futuro mais próximo, é o passado do presente mais recente, é o referente. É a conclusão da memória ou inconsciente coletivo dessa investigação.

A fotografia é também a ausência individual da imagem e ou a construção coletiva dessa individualidade. Por isso a justificativa de fotografar a água. É nessa profusão de significantes e significados que a fotografia arquiteta a representação daquilo que ela é em si, uma “imagem-ato” (DUBOIS, 1994), pois com a luz que a faz ser, ela se *metamorfoseia* em sua pluralidade de ser ela própria sem nada esconder.

#### **4. Considerações finais**

A militância pela documentação da água, a busca pela sua preservação se constituiu em uma construção coletiva para compreensão de que sem água, sem a manutenção dos lençóis freáticos, sem a conservação do uso racional, sem a proteção de nascentes, sem a consciência de que água é patrimônio cultural para a humanidade, e um bem finito para os seres vivos, seguiremos sofrendo e poderemos chegar à extinção.

Andar de lugar em lugar, de casa em casa, conhecer pessoas, poder conversar, explicar práticas de preservação, conservação da água, incentivar a preservação das nascentes; mostrar a relação do ser humano com a água, a sua importância, dizer para as pessoas o porquê delas evitarem o desperdício, falar das consequências que isso traz. Somando a isso, a implementação de políticas públicas com interface com arte e cultura como estratégia de desenvolvimento local e regional, a partir de processos informais de aprendizagem e experiências artísticas como meio de transformação social e a cidadania cultural.

Estes esclarecimentos, esta ação educativa mediaram o processo de coleta de dados e permanência nas cidades e localidades pesquisadas. Por meio de tal atitude foi possível perceber o quanto em alguns lugares seus representantes também se preocupam com a situação da água e tentam implementar projetos de cultivo das plantações com técnicas de irrigação que sejam sustentáveis e ao mesmo tempo gerem renda para a comunidade, assim como adquirem equipamentos de dessalinização da água para o abastecimento.

Em conversas nos quintais, cozinhas, calçadas, associações, hortas, percebemos o quanto predomina um imaginário ingênuo nos indivíduos pesquisados, porque atribuem a seca ou as enchentes à vontade divina. No entanto, em áreas urbanas vimos as dolorosas incompreensões e atitudes quanto aos rios que passam por dentro de cidades que lamentavelmente servem como esgoto, deixando assim os seres vivos aprisionados pela sujeira e fedentina do lugar.

Como experiência ainda recente de perceber a cultura como “capital simbólico”, os gestores públicos precisam avançar no processo de compreensão e inserção da cultura como estratégia de desenvolvimento para o país, apesar da urgência em assumir esta pauta como aliado essencial no alcance de princípios e valores que nos assegure educação, moradia, desenvolvimento, justiça, dignidade, qualidade de vida e sustentabilidade econômica e ambiental.

O momento exige mudanças urgentes de atitude na rotina cotidiana da população em função do meio ambiente e nas práticas de conservação e preservação de nossas florestas e nascentes, sem o qual a humanidade sofrerá consequências de forma irreparável. A fotografia pode registrar essa relação e dizer sobre uma estética documental, o valor sagrado e vital da água, assim como denunciar sua destruição, poluição e desperdício através da imagem captada em instantes de fragmentos de luz.

A dinâmica cultural estimula experiências artísticas, processos de aprendizagem e investigação da arte com outras temáticas como ecologia, economia, política pública, ao mesmo tempo em que novas pesquisas e estudos desses fenômenos sociológicos que buscam o conhecimento de sua identidade, da arte para esse fim. Tais processos oriundos de experiências artísticas são condutores para ações de inclusão sociocultural, compartilhamento de conhecimento e tecnologias sociais, protagonismo cidadão, fruição e democratização do acesso aos bens e serviços culturais. Nessa perspectiva, o projeto *Água pra que te quero!* traz em sua essência um formato de concepção experimental e colaborativa, com o propósito de uma atuação no próprio território como um

experimento sociológico e artístico de se (re)conhecer a partir da observação e das narrativas de moradores que convivem com situações extremas que vão da ausência à abundância da água em suas comunidades e de como a questão cultural está imbricada nas práticas positivas e negativas no uso da água.

Sua justificativa se traduz pela importância do tema abordado e a necessidade de divulgar para sociedade os grandes problemas causados pela forma desenfreada como homens e mulheres tratam a água, da mesma forma, pretende mostrar através da linguagem fotográfica e do olhar subjetivo, como é possível usá-la sabiamente e racionalmente, corroborando com campanhas e ações de educação ambiental desenvolvidas no âmbito público e privado para as futuras gerações de consumidores.

## **5. Bibliografia**

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, PACTO DAS ÁGUAS E GOVERNO DO ESTADO - **Plano Estratégico para os Recursos Hídricos do Ceará**. Versão Preliminar. Fortaleza, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARBOSA DA SILVA, Frederico A.; ABREU, Luiz Eduardo (Org.). **As políticas públicas e suas narrativas: o estranho caso entre o Mais Cultura e o Sistema Nacional de Cultura**. Brasília: Ipea, 2011.

BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jurgen. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores)

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

JACOBI, Pedro Roberto. Sociedade de risco e o desafio de inovar para modificar práticas sociais. In: SATO, Michele (Org.). **ECO-AR-TE para o (Re)encantamento do mundo**. São Paulo: Ed. Prima, 2011.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2002.

NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

OLIVEN, Ruben George. Cultura Brasileira e Identidade Nacional (O Eterno Retorno). In: MICELI, Sergio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: ANPOCS; Editora Sumaré; Brasília, DF: CAPES, 2002.

REBOUÇAS, Aldo; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José. **Águas doces no Brasil**. São Paulo: Escrituras, 1999.

SEMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.